

Guerra na Ucrânia:

Comparação entre possíveis interpretações de correntes neorrealistas e neoliberais das Relações Internacionais

Flávia Couto e Silva*

Resumo: O presente trabalho se propõe a comparar como as teorias neoliberal e neorrealista das Relações Internacionais podem contribuir na análise e compreensão da Guerra na Ucrânia. Para isso, primeiramente far-se-á uma contextualização sobre cada uma dessas correntes de pensamento. Depois, aproximar-se-á a corrente neoliberal neoinstitucionalista a alguns aspectos da Guerra da Ucrânia. Para isso, relacionar-se-á algumas ideias presentes nos trabalhos do importante neoliberal Robert Keohane (1941-) com a guerra mencionada. Por fim, aprofundar-se-á em como o neorrealismo das Relações Internacionais, tal como especificamente as ideias de William Wohlforth (1959-), podem ajudar a compreender a invasão russa ao território ucraniano.

Palavras-chave: Ucrânia; Relações Internacionais; Neoliberalismo; Neorrealismo.

* Graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo. Contato: flaviacoutoesilva@usp.br

La guerra en Ucrania:

Comparando interpretaciones desde las perspectivas teóricas neorrealista y neoliberal de las Relaciones Internacionales

Resumen: El presente trabajo se propone comparar cómo las teorías neoliberal y neorrealista de las Relaciones Internacionales pueden contribuir al análisis y comprensión de la Guerra de Ucrania. Para ello, inicialmente se realizará una contextualización sobre cada una de estas corrientes de pensamiento. Posteriormente, se irá a acercar la corriente neoliberal a algunos aspectos de la Guerra de Ucrania. Para ello, se relacionarán algunas ideas presentes en los trabajos del importante neoliberal Robert Keohane (1941-) con la mencionada guerra. Finalmente, se ahondará en cómo el neorrealismo de las Relaciones Internacionales puede ayudar a comprender la invasión rusa del territorio ucraniano.

Palabras clave: Ucrania; Relaciones Internacionales; liberalismo; neorrealismo.

War in Ukraine:

Comparing interpretations from neorealist and neoliberal theoretical perspectives of International Relations

Abstract: The present work proposes to compare how neoliberal and neorealist theories of International Relations can contribute to the analysis and understanding of the War in Ukraine. For this, firstly, a contextualization will be made about each of these currents of thought. Then, the neoliberal current will be used to understand some aspects of the War in Ukraine. For this, some ideas present in the works of the important neoliberal Robert Keohane (1941-) will be related to the mentioned war. Finally, it will delve into how the neorealism of International Relations, more specifically the ideas of William Wohlforth, can help to understand the Russian invasion of Ukrainian territory.

Keywords: Ukraine; International Relations; liberalism; neorealism.

I. Introdução

De acordo com uma matéria da BBC News Brasil de 24 de fevereiro de 2022, a Rússia declarou “intervenção” (o que na prática deu-se através da invasão) na Ucrânia como forma de represália à sinalização de que o país entraria na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Afinal, segundo Roberta Pereira e Dimas Margazão em seu texto “A criação da Otan e sua permanência do período pós- Guerra Fria” (2004), a OTAN foi criada em 1949 como forma de união entre os países chamados “ocidentais” contra a então União Soviética – cuja maior parte do território corresponde hoje à Rússia. O presidente da Rússia Vladimir Putin, por sua vez, justificou a invasão afirmando que a Rússia precisaria proteger os russos no território ucraniano do genocídio que estaria sendo promovido por Kiev.

De qualquer forma, conforme argumentam Pereira e Margazão, os Estados fundadores de tal organização foram basicamente a Europa Ocidental e os Estados Unidos. Hoje, a OTAN conta com mais de 30 países e houve significativo avanço em direção ao leste europeu, incorporando por exemplo a Eslováquia e a Eslovênia (Dominic Albuquerque; 2022). Ainda de acordo com Pereira e Margazão (2004), tal avanço fez com que as tensões nessa região aumentassem – em linhas gerais o Estado russo tende a enxergar a OTAN como uma ameaça, por historicamente tê-lo sido.

Essa situação já era especialmente complicada na Ucrânia. Isso porque mesmo antes da existência da União Soviética, quando a Ucrânia se tornou um anexo da URSS, o território ucraniano era considerado parte do Império Russo. Por conseguinte, sempre houve algum grau de contestação partindo dos russos sobre a autonomia ucraniana em relação à Rússia (Roberta Pereira & Dimas Margazão, 2004).

Segundo reportagem da BBC intitulada publicada em 25 de fevereiro de 2022, a situação ficou ainda mais complexa quando na Ucrânia em 2014 o então presidente eleito Victor Yanukovych, de etnia russa, teve seu governo interrompido por uma crise política gerada por manifestações populares, a qual culminou em uma nova eleição que levou o pró-Occidente e pró-OTAN Petro Poroshenko ao poder. De acordo com os autores Fernanda Albuquerque et al em seu texto “A instrumentalização do setor energético sob Putin-Medvedev (2000-2018) e o retorno russo ao tabuleiro geopolítico internacional” (2021), tais manifestações que geraram essa crise política foram supostamente incentivadas pelos Estados Unidos e pela União Europeia, em represália à recusa de Yanukovych de assinar um acordo comercial com a União Europeia. Além da destituição de Yanukovych, a crise política que se formou também gerou consequências como a imposição de sanções à Rússia pelos EUA e pela UE. Como resposta, a Rússia passa a apoiar extraoficialmente movimentos separatistas no leste da Ucrânia, advindos basicamente de regiões em que a maioria da população é de etnia russa.

Mais uma vez de acordo com a reportagem da BBC de 25 de fevereiro de 2022, com o aumento das tensões e após diversas negociações, em 2014 estabeleceu-se então o Pacto de Minski, que determinava que a Ucrânia não ingressaria na OTAN. Nesse sentido, percebe-se que o que ocorreu em 24 de fevereiro de 2022 foi o desfecho de um longo processo de tensões entre Rússia e Ucrânia que começou em 2014.

Diante desse contexto, o presente trabalho se propõe a comparar como as teorias neoliberal e neorrealista das Relações Internacionais podem contribuir na análise e compreensão da Guerra na Ucrânia. Para isso, primeiramente far-se-á uma contextualização sobre cada uma dessas correntes de pensamento. Depois, aproximar-se-á a corrente neoliberal a alguns aspectos da Guerra da Ucrânia. Para isso,

relacionar-se-á algumas ideias presentes nos trabalhos do importante neoliberal Robert Keohane (1941-) com a guerra mencionada. Por fim, aprofundar-se-á em como o neorrealismo das Relações Internacionais, tal como especificamente as ideias de William Wohlforth (1959-), podem ajudar a compreender a invasão russa ao território ucraniano.

Aqui, cabe pontuar que o que será feito ao longo deste artigo é uma pesquisa de “testagem de teoria de casos” (*theory testing with cases*) que resulta em um “caminho teórico dirigido pelo sistema” (*system-driven theoretical path*). De acordo com David Brinberg e Joseph McGrath em seu livro “*Validity and the research process*” (1985), a testagem de teoria de casos é um método consagrado entre as pesquisas qualitativas produzidas nas Ciências Sociais para verificar se a evidência empírica em um caso específico apoia ou não dada teoria. No caso deste artigo, procura-se verificar se a evidência empírica da Guerra da Ucrânia apoia ou não tanto a teoria neoliberal institucionalista quanto a teoria neorrealista das Relações Internacionais. Porém, afirma-se que a pesquisa apresentada neste artigo resulta em um “caminho teórico dirigido pelo sistema” porque este diz respeito, ainda segundo Brinberg e McGrath (1985), a utilizar a teoria como ferramenta para compreender um fenômeno (aqui, a Guerra da Ucrânia), mas ter como resultado a testagem do poder explanatório e as limitações da própria teoria (no caso, da neoliberal institucionalista e da neorrealista).

II. Breve contextualização sobre neorrealismo e neoliberalismo das RI

Historicamente, as Relações Internacionais têm sido divididas majoritariamente entre a teoria realista e a teoria liberal. Embora haja outras teorias que se distinguem e se opõem a ambas, como a teoria construtivista, são as interpretações realistas e liberais as que predominam nas

análises sobre guerra e paz internacionais.

John Herz, considerado por muitos como o pai do realismo ofensivo, argumenta em seu texto “*Idealist internationalism and the security dilemma*” (1950) que o dilema das relações internacionais consiste no fato de que duas nações nunca sabem as reais intenções uma da outra. Há, assim, pela perspectiva do realismo, uma desconfiança entre os países, causada pela incerteza em relação às reais intenções um do outro em um contexto anárquico do sistema internacional, isto é, em que os países possuem apenas a si mesmos para se protegerem dos demais, sem nenhuma autoridade central.

Nesse mesmo sentido, John Mearsheimer, também pertencente à corrente do realismo ofensivo, em seu texto “*The tragedy of great power politics*” (2001) afirma que um dado país aumentaria seu próprio armamento para se proteger de eventuais ataques de outro. Isso poderia inclusive fazer com que o último também adotasse uma postura de desconfiança em relação às intenções do primeiro, pois tampouco teria como sabê-las. Haveria, então, um ciclo de tensão e de consequente aumento de armamento entre os dois países gerada pela falta de clareza em relação as suas intenções.

Outros autores realistas, como Herbert Butterfield em seu texto “*History and Human Relations*” (1951), defenderam que existiria um ‘medo hobbesiano’ que geraria as guerras, à medida que não é possível compreender a ‘mente do outro’. Portanto, um país nunca saberia se está fazendo o outro se sentir ameaçado e vice-versa. Para o autor, que busca escapar da dicotomia ‘bem e mal’ que aparecia em diversos autores do pós-Segunda Guerra, conforme apontam Ken Booth e Nicholas Wheeler em seu texto “*The security dilemma: fear, cooperation and trust in world politics*” (2008), as guerras não seriam geradas pela ‘maldade’ de um país, mas pela ‘tragédia’, no sentido de atacarem para não serem atacados.

Nos anos 1970's, surge então o neorrealismo. Kenneth Waltz (1979), considerado o pai dessa nova corrente, a diferencia do realismo clássico afirmando que o neorrealismo se propõe a ser mais científico. Além disso, para Waltz, o realismo clássico focaria exclusivamente nos Estados, enquanto o neorrealismo, embora também confira grande importância a esses atores, considera para além deles a estrutura do sistema internacional como um todo – como por exemplo as continuidades e repetições que poderiam ser observadas no sistema ao longo do tempo.

Waltz (1979) defende então que quando há riscos de uma determinada nação tornar-se hegemônica, as demais grandes potências reagiriam para impedir que essa hegemonia se concretizasse. Nesse sentido, Estados mais fracos se uniriam para contrabalancear Estados mais potentes. Assim, a balança de poder possuiria um efeito benéfico, à medida que estabilizaria o poder internacional.

Já dentro da vertente teórica liberal, tem-se a teoria da paz democrática, que prevê que Estados democráticos tendem a não entrar em guerra uns com os outros; assim, eles entrariam em guerra apenas com países não-democráticos. Sobre o tema, é interessante observar que em 'A Paz Perpétua' (2020), Immanuel Kant já havia defendido a ideia, posteriormente mais desenvolvida por esses autores liberais, de que a natureza democrática dos países que a adotam faz com que eles sejam menos propícios a entrar em guerra com outros Estados.

Para Kant (2020), isso se dá por três pontos: Em primeiro lugar, há estrangulamentos institucionais nos países democráticos, uma vez que a opinião pública nesses países é, de modo geral, contra as guerras, e nesse sentido a decisão de entrar em guerra passa por um controle que torna o processo demasiadamente lento. Em segundo lugar, nos países

democráticos, há também uma racionalidade utilitarista, que faz com que os custos humanos e financeiros de entrar em guerra a tornem pouco atrativa em um contexto de busca pela prosperidade. Em terceiro lugar, os ‘decision makers’ precisam de votos da população para se reelegerem, e sabem que entrar em guerra pode dificultar sua reeleição em um contexto de uma opinião pública contrária à guerra e visto que esta gera altos custos humanos e financeiros, como citado anteriormente. Não obstante, ainda de acordo Kant (2020), tais fatores não seriam o suficiente para impedir a guerra se eles não gerassem, entre os Estados democráticos, percepções positivas de um em relação ao outro. Isso porque cada nação democrática irá supor que a outra compartilha de seus ‘valores democráticos’.

No entanto, é necessário pontuar que Kant foi um autor do século XVIII, fazendo parte do movimento conhecido como “iluminismo”, e a disciplina de Relações Internacionais (e consequentemente sua teoria liberal) se consolidou apenas no século XX. Assim, o que os teóricos liberais das RI fizeram na verdade foi se apropriar das ideias de Kant e adaptá-las e transformá-las para que pudessem ser aplicadas nos estudos internacionalistas. Nesse sentido, Brian Schmidt em seu texto “*On the history and historiography of international relations*” (2002) discorre sobre como as Relações Internacionais, sendo uma disciplina bastante recente, precisaram utilizar ideias de autores do passado para se legitimar enquanto campo científico – uma prática conhecida como “presentismo”.

Sobre a perspectiva liberal das Relações Internacionais propriamente dita, autores como Karl Deutsch, em seu texto “*Backgrounds for Community: Case Studies in Large-Scale Political Unification*” (1963), defendem que o que geraria a paz entre as nações seria a formação de uma comunidade entre elas, sendo que a formação dessas comunidades seria possível

apenas se os países sentissem necessidade de estabelecer redes de comunicação política entre eles, e à medida que compartilhassem valores democráticos que criariam uma identificação. Dessa forma, percebe-se em Deutsch (1963), também a importância do compartilhamento entre as nações dos chamados 'valores democráticos' para obter a paz entre os países.

Emmanuel Adler e Michael Barnett dão continuidade ao trabalho de Deutsch e em seu texto '*A Framework for the study of security communities*' (1998) afirmam que '(...) uma paz estável está associada à existência de uma comunidade transnacional' (ADLER & BARNETT, 1998, p.31; tradução livre e própria), ou seja, a uma 'comunidade de segurança' na qual os países compartilhem identidades, valores e significados. Portanto, aqui tem-se também na formação das comunidades de segurança uma forma de resolver o chamado dilema da segurança internacional tal como definido por realistas como Herz, uma vez que essas comunidades ajudariam os países a compreender as intenções uns dos outros e a confiar que estas são pacíficas.

Por sua vez, a visão especificamente neoliberal das relações internacionais surge por volta dos anos 1980's como uma nova corrente do liberalismo. O neoliberalismo nas RI se diferencia das demais vertentes liberais essencialmente por ser institucionalista, ou seja, ter o foco nas instituições internacionais – e por isso mesmo é por vezes chamado de "neoinstitucionalismo". A corrente neoliberal é representada por exemplo pelos trabalhos de Celeste A. Wallander e Robert O. Keohane (1999), que defendem que a criação de instituições ajuda a resolver os dilemas da segurança internacional. Isso porque, segundo a visão neoliberal, os países inseridos em uma instituição internacional deixam suas intenções mais claras uns aos outros a partir da interação entre eles, o que auxilia a diminuir as incertezas que poderiam vir a gerar tensões e

conflitos entre as nações. Nos termos de Wallander e Keohane em seu texto “*Imperfect unions: security institutions over time and space*” (1999), os riscos que um país representaria ao outro pela incerteza do dilema da segurança internacional são resolvidos através da transparência.

Dessa forma, e na linha do que argumenta Stephen Walt em seu texto “*International Relations: One World, Many Theories*” (1998), chama a atenção o fato de que todas as correntes neoliberais acreditam que a cooperação seria a forma de acabar com as guerras, mas cada uma delas acredita que essa cooperação deve ser dar de uma forma diferente.

Uma vez contextualizadas as abordagens neorrealistas e neoliberais, cabe então procurar entender como cada uma dessas correntes pode auxiliar os internacionalistas em suas interpretações sobre a guerra na Ucrânia.

III. O neoliberalismo e a Guerra na Ucrânia

Os liberais, segundo Walt (1998), veem a expansão da OTAN como uma forma de reforçar a democracia em desenvolvimento na Europa Central e assim estender o gerenciamento de conflitos da OTAN para uma região potencialmente turbulenta. Portanto, os liberais veem a expansão da OTAN, de uma maneira geral, como algo positivo para um mundo mais pacífico.

Em relação especificamente aos liberais institucionalistas e no que tange à interpretação deles sobre a OTAN, Walt (1998) afirma que com a chegada do neoinstitucionalismo passa a existir a interpretação de que o caráter altamente institucional da OTAN ajuda a explicar sua sobrevivência mesmo depois do desaparecimento de seu principal inimigo. Isso porque, para o autor, quanto mais uma instituição internacional tiver burocracias, processos e políticas bem-estabelecidas e respeitadas, maior a tendência dessa instituição

de permanecer mesmo após desaparecer o inimigo que a priori gerou sua criação.

Walt (1998) argumenta ainda que a partir da perspectiva neoliberal é possível pensar que o mercado global, o aumento de conexões transnacionais e organizações não-governamentais tiraram o foco do setor militar dos países para focar no bem-estar socioeconômico das nações. Isso significa que a interdependência econômica faria com que os países tendessem à paz. Portanto, seria possível interpretar que inserir a Rússia no capitalismo global é uma forma de obter a paz, especialmente caso gere uma classe média russa que pressione para a democratização do país.

Tem-se, então, que para os neoinstitucionalistas os regimes internacionais facilitam a organização da crescente interdependência entre os países, que cada vez mais envolve aspectos comerciais, econômicos, políticos, culturais e diplomáticos. Assim, é interessante analisar aqui uma possível interpretação neoliberal para as sanções econômicas que o Ocidente aplicou à Rússia e suas consequências na Guerra da Ucrânia.

Segundo uma matéria no G1 intitulada “Guerra na Ucrânia: quais são as sanções anunciadas até aqui” (2022), na última semana de fevereiro de 2022, quando a Rússia invadiu a Ucrânia, a União Europeia e os Estados Unidos anunciaram uma série de medidas que possuíam como objetivo isolar a Rússia do mercado global, prejudicando a economia russa, esperava-se, a ponto de a situação tornar-se insustentável. Entre as sanções anunciadas estavam a suspensão de importação de petróleo, um dos principais pilares da economia do país, e o banimento de alguns bancos russos do sistema Swift, que possibilita transações de dinheiro rápidas entre países. Cabe pontuar aqui que os Estados Unidos e União Europeia já impunham sanções à Rússia devido às tensões na

Ucrânia desde 2014.

Faz-se necessário pontuar que a União Europeia e os Estados Unidos decretaram espécies de “ataques econômicos” à Rússia não como complemento a ataques militares, mas como substituição a estes. Afinal, a OTAN não enviou tropas para a Ucrânia em nenhum momento. Não obstante, de acordo com o professor Angelo Segrillo em entrevista concedida à CNN em 09 de abril de 2022, a economia russa sentiu fortemente o impacto dessas medidas por parte dos Estados Unidos e da União Europeia. Isso teria feito, segundo ele, com que a Rússia flexibilizasse seu discurso e se tornasse um pouco mais aberta para negociações.

Diante desse contexto, é possível perceber que a inserção da Rússia no mercado global a tornou mais aberta a fechar acordos para obter a paz com outras nações, uma vez que sua economia - da qual se utiliza não apenas para manter a qualidade de vida de sua população mas também para manter seu poder bélico - passa a ser dependente de outros países. Portanto, percebe-se nesse caso específico uma certa confirmação do argumento dos neoliberais de que a interdependência entre os países faria com que estes se tornassem mais pacíficos.

Além disso, os neoliberais acreditam que quem ocupa a posição de tomador de decisão é uma variável determinante para entender qual será o comportamento de cada Estado. Afinal, segundo eles, cada governante será influenciado por um grupo diferente, terá um nível de abertura ao diálogo distinto, entre outros aspectos. Nesse mesmo sentido, conforme desenvolvido anteriormente, os neoliberais acreditam que Estados democráticos tendem a não entrar em guerra entre si e, de maneira geral, tendem a ser mais pacíficos.

Assim, a partir dessa perspectiva pode-se inferir que, na Rússia, com a suposta democracia de Vladimir Putin sendo bastante personificada em sua figura, quem ocupa o cargo de presidente influencia significativamente as decisões tomadas por esse país, de maneira que caso outra pessoa ocupasse a presidência a decisão extrema de invadir a Ucrânia não teria sido tomada. Afinal, segundo a perspectiva neoliberal, possivelmente se existisse na Rússia os chamados “valores democráticos”, teria havido uma pressão interna maior para que esta não invadisse o território ucraniano.

Ademais, para entender como o neoliberalismo pode ajudar a compreender a Guerra na Ucrânia, é interessante analisar mais a fundo os trabalhos do importante neoliberal Robert Keohane. Em seu texto “*International Institutions: two approaches*” (1988), o autor argumenta que a cooperação não é algo ético por natureza, sendo possível que dois países cooperem entre si para prejudicar a outro. Assim, é possível perceber que a OTAN não seria necessariamente ética através da óptica de neoliberais como Keohane (1988), sendo preciso então avaliar suas ações. Afinal, segundo o autor, compreender a cooperação não é necessariamente celebrá-la.

Ainda conforme Keohane (1988) tanto a corrente neorrealista quanto a corrente neoliberal partem do pressuposto de que os Estados agem como atores racionais na hora de tomar suas decisões, ponderando prós e contras e sempre optando pela opção que trará mais benefícios – ideia proveniente da economia. No entanto, os neorrealistas acreditam que essa racionalidade torna-se maior entre os países à medida que há maior tensão política, enquanto os neoliberais como ele defendem que a racionalidade torna-se maior à medida que os Estados ingressam em instituições internacionais. Segundo Keohane (1988), isso se dá porque assim os países podem ter mais clareza das intenções uns dos outros, e assim estarão mais dispostos a abrir mão de

benefícios imediatos para o bem comum, que gerará benefícios para todos.

Nesse mesmo sentido, em seu texto “*International Institutions: Can Interdependence Work?*” (1998) Keohane argumenta que instituições fazem com que países sigam certas regras para que os outros as sigam também, reduzindo os esforços dos países para chegarem a um acordo. Portanto, instituições tornariam os comportamentos dos países mais previsíveis ao aumentar a transparência entre eles. Aplicando tal ideia à guerra da Ucrânia, seria possível interpretar então que organizações como as Nações Unidas facilitariam os acordos entre as partes envolvidas nos conflitos, à medida que se trata de um ambiente no qual os países podem expressar suas intenções e dessa forma possivelmente chegar a um acordo.

Na realidade, conforme relata reportagem da revista Exame intitulada “Rússia exige garantias de que Ucrânia não será aceita na Otan” publicada em 11 de dezembro de 2022, de fato antes mesmo da invasão da Ucrânia, a Rússia tentava negociações com a União Europeia e os Estados Unidos dentro das Nações Unidas. Porém, o presidente russo Vladimir Putin exigia a proibição do ingresso da Ucrânia na OTAN, algo considerado muito extremo por parte do outro lado do debate. Ao mesmo tempo, o posicionamento do presidente francês Emmanuel Macron, quem falava em nome da União Europeia, era considerado pelos russos como demasiadamente inflexível.

Aqui, é interessante chamar a atenção para a ideia de Keohane (1998) de que embora toda cooperação passe por algum nível de institucionalidade, determinadas instituições tendem a ser mais eficientes do que outras. Nesse sentido, o autor argumenta que instituições com menos membros costumam exercer mais influência sobre seus participantes do que organizações maiores. Keohane (1998) chega a mencionar

que, por causa disso, instituições menores do que as Nações Unidas têm tendências a serem mais influentes.

Dessa forma, através desse argumento de Keohane (1998) é possível explicar que muitas vezes os países não agem de acordo com o que foi previamente estabelecido pela ONU, ou, como no debate em torno da Guerra da Ucrânia, que os países simplesmente não consigam chegar a um acordo dentro dessa organização.

Além disso, Keohane (1988) diferencia o que ele chama de “racionalismo substantivo”, no qual acreditam os neorealistas, do que defendem os autores da “escola reflexiva”, que de acordo com ele são os internacionalistas que entendem que o racionalismo está sempre dentro de um contexto, de maneira que é necessário considerar o lado subjetivo do ser humano ao analisar decisões. É por isso, segundo Keohane (1988), que é possível pensar que o comportamento dos Estados muda e se adapta de acordo com as regras das instituições das quais eles fazem parte, e que isso ajuda a cooperação.

Os teóricos da abordagem reflexiva afirmam então que os valores, normas e práticas de atores com culturas diferentes podem afetar a eficácia das instituições. Portanto, em relação aos racionalistas, os autores da escola reflexiva dão maior importância ao contexto em que as organizações foram criadas. Nesse sentido, de acordo com Keohane (1988), tais teóricos conseguem pontuar melhor quais instituições internacionais serão eficazes em solucionar os problemas sobre os quais foram criados e quais não.

Assim, a partir da perspectiva da escola reflexiva talvez seja possível interpretar que as grandes diferenças de valores e de cultura entre cada país das Nações Unidas – no caso, entre os países ocidentais e a Rússia – são outro fator que afeta a eficácia das negociações dentro da ONU. Afinal, em linhas gerais a UE e os EUA possuem valores democráticos liberais,

enquanto a Rússia vive hoje valores bem diferentes, e é bastante razoável pensar que isso influencia seus valores, normas e práticas – os quais, por sua vez, afetam o que os teóricos reflexivos chamam de “lado subjetivo do ser humano”.

IV. O neorrealismo e a Guerra na Ucrânia

Cabe agora aprofundar a explicação sobre como os neorrealistas podem ajudar a interpretar especificamente a guerra na Ucrânia. Por um lado, conforme argumenta Walt (1998), os realistas defendem que a expansão da OTAN é uma tentativa do Ocidente de expandir sua influência em um contexto de fraqueza russa. Para ele, foram os autores das novas correntes do realismo que surgiram após o fim da Guerra Fria, isto é, das correntes neorrealistas, que perceberam que “(...) a OTAN, sem possuir um inimigo evidente, provavelmente iria enfrentar questionamentos crescentes, e que expandir sua presença em direção ao leste iria prejudicar suas relações com a Rússia.” (WALT, 1998, p. 35; tradução livre e própria).

Portanto, de acordo com Walt (1998), para os chamados neorrealistas seria bastante razoável pensar que a expansão da OTAN futuramente levaria a guerras, o que, conforme sabemos hoje, de fato aconteceu. Afinal, a Rússia, seus simpatizantes e algumas forças anti-imperialistas realmente começaram a questionar a existência da OTAN no pós-Guerra Fria, isto é, depois de seu principal inimigo, a União Soviética, já ter sido derrotado por eles.

Por outro lado, ainda segundo Walt (1998), o realismo pode ajudar a compreender como os EUA conseguiu expandir a OTAN para o chamado “quintal da Rússia”. Isso porque o conceito de “balança de poder” dos realistas ajudaria a explicar que diante de fortes preocupações com conflitos e possibilidades de guerras, muitos países europeus e asiáticos

permitem que os Estados Unidos expandam sua presença militar em seus territórios, esperando obter benefícios com isso.

Outra ideia essencial a ser levantada para entender como os neorealistas podem ajudar a compreender a Guerra na Ucrânia, é a de que, para eles - em contraposição ao que já foi pontuado anteriormente que defendem os neoliberais - qualquer pessoa que ocupe o cargo de tomador de decisão dentro de um Estado terá o mesmo olhar independentemente de seu partido ou posicionamento político. Tal olhar descrito pelos realistas seria o de entender qual a posição do país no sistema internacional e como beneficiá-lo. Nesse sentido, os países pensariam enquanto Estados, e não enquanto governos.

Ao mesmo tempo, percebe-se uma visão dos neorealistas de que Estados, assim como seres humanos, são egoístas - para eles, essa é a natureza humana, que se reflete nas relações internacionais. Afinal, os realistas acreditam que o que gera guerras é o desejo dos países de conservar seu território nacional para proteger sua nação, ou seja, o objetivo de cada nação seria sempre o de preservar seu poder. Aqui, cabe pontuar que esta última já era uma ideia presente nas obras do teórico Nicolau Maquiavel (2010), que viveu entre 1469 e 1527, muito antes das relações internacionais se constituírem enquanto disciplina. Tem-se aqui, portanto, e tal como explicado na seção II, mais um exemplo de “presentismo”, em que internacionalistas utilizam ideias de autores do passado para se legitimar enquanto campo científico, adaptando e transformando os conceitos de maneira a que eles se aproximem dos objetos de estudo das relações internacionais (SCHMIDT, Brian. 2000).

De qualquer forma, sobre o desejo dos países de conservar seu território nacional para proteger sua nação, é interessante pensar que possivelmente mesmo que outra pessoa que não

Emmanuel Macron estivesse na presidência e fosse à ONU representar a União Europeia e os Estados Unidos nas negociações com a Rússia, sua intenção seria igualmente a de tentar fazer com que os interesses de seu país (ou, no caso, dos ocidentais de maneira geral) prevalecessem o máximo possível, e sua postura seria tão inflexível quanto a de Macron.

Mais um ponto importante para entender como os neorrealistas podem ajudar a compreender a Guerra na Ucrânia é que de acordo com eles os Estados não irão se associar a organizações ou tampouco farão acordos caso acreditem que estes beneficiarão mais a outro país do que a si próprios. Afinal, segundo eles, o poder no sistema internacional é visto como relativo, isto é, o mais importante seria possuir mais poder do que o outro. Para esses teóricos, os países entram em instituições apenas caso acreditem que ganharão vantagem em relação aos demais Estados dessa organização ou em relação aos Estados que não participarão da organização.

Dessa forma, seria plausível presumir que a Rússia se negou a fazer um acordo com a União Europeia e os Estados Unidos porque acreditou que os últimos se beneficiariam mais com tal acordo, ao passo que a UE e os EUA tampouco teriam cedido aos termos de negociação da Rússia acreditando que eles dariam demasiada vantagem aos russos em relação a eles mesmos. Por fim, cabe mencionar que partindo da teoria neorrealista, William C. Wohlforth em seu texto “The Stability of a Unipolar World” (1999) desenvolve a teoria da “pax americana”. Para tanto, ele afirma que desde o fim da Guerra Fria, com a queda da URSS, o mundo possuiria uma configuração unipolar, isto é, os Estados Unidos teriam uma tal concentração de poder em todos os componentes (econômico, militar, tecnológico e geopolítico) que, ao menos dentro de um futuro próximo – uma vez que essa configuração seria durável – nenhuma outra grande potência conseguiria contrabalancear.

Ainda conforme Wohlforth (1999), e ao contrário do que defendiam outros realistas, essa unipolaridade promoveria a paz, pois os demais países evitariam entrar em guerra com os EUA, e mesmo este último país não buscaria a guerra, uma vez que ele já é o líder do sistema. Portanto, os EUA possuiriam um papel fundamental na estabilidade do sistema internacional. No entanto, o autor esclarece que para haver paz a partir desses termos, seria necessário o consenso por parte de outros países, o que implicaria que estes encontrassem benefícios na hegemonia norte-americana. Assim, para ele, tal situação de hegemonia norte-americana só estaria existindo porque as demais nações também estariam se beneficiando disso. Nesse ponto, Wohlforth se aproxima do que argumenta Walt (1998) quando afirma que os realistas acreditam que os países cedem à expansão dos EUA como forma de evitar conflitos.

Partindo da análise de Wohlforth (1999), é possível fazer algumas inferências sobre a Guerra na Ucrânia. Por um lado, talvez não seja possível afirmar que hoje exista uma unipolaridade no mundo, com hegemonia consolidada dos Estados Unidos. Afinal, todo o conflito na Ucrânia permeia o fato de que a Rússia é também uma potência, que inclusive se opõe aos Estados Unidos. Além disso, possivelmente a necessidade dos EUA de participar da OTAN e de incluir países do chamado “quintal da Rússia” na organização indique que os Estados Unidos precisam se unir com outros países para manter sua força frente aos russos.

Por outro lado, embora a OTAN não corresponda aos Estados Unidos em si, este último é definitivamente um de seus principais membros. Dentro desse contexto, é possível pensar que a Ucrânia querer entrar para a OTAN passa pelo fato de que ela acredita que se aproximar dos países ocidentais, como os EUA, irá beneficiá-la, por exemplo através de proteção contra invasões e anexações russas. Ao mesmo tempo, a Rússia, possuindo forte armamento bélico desde a Guerra Fria, sente

que tem força o suficiente para se contrapor aos EUA, e por isso os enfrenta em sua política externa, por exemplo tentando afastar a OTAN de seu “quintal”.

V . Conclusão

A partir do que foi previamente apresentado, algumas conclusões podem ser feitas sobre como as correntes neorrealistas e neoliberais das relações internacionais podem ajudar a compreender a Guerra na Ucrânia. Por um lado, percebe-se que as correntes neoliberais podem ajudar nas análises dos internacionalistas sobre a Guerra na Ucrânia à medida que trazem conceitos como a interdependência, que indica que a dependência econômica entre os países em um contexto de mercado global pode pressionar os Estados a adotarem posturas mais pacíficas. Assim, tem-se que a interdependência entre os países pode ser utilizada como uma espécie de arma não-militar para obrigar os Estados envolvidos a entrarem em acordos. Afinal, a interdependência faz com que as sanções econômicas e financeiras se tornem um instrumento de pressão.

Ao mesmo tempo, é possível perceber através da análise apresentada aqui que existe uma certa limitação das instituições ao tentar resolver o problema da Guerra na Ucrânia. Isso porque, não obstante as iniciais tentativas de negociação com os Estados Unidos e a União Europeia por parte da Rússia, as soluções diplomáticas foram preteridas pela invasão russa na Ucrânia em 2022. Nesse sentido, percebe-se que existe, na prática, um contraponto à ideia dos neoliberais institucionalistas de que as instituições internacionais seriam necessárias e suficientes para se alcançar a paz.

Por outro lado, percebe-se que as correntes neorrealistas das relações internacionais também podem auxiliar a compreender a Guerra na Ucrânia. Isso porque é a partir dos

trabalhos de neorrealistas que podemos compreender como a expansão da OTAN pode ter levado à invasão russa ao território ucraniano. Afinal, por não saberem as intenções da OTAN em um contexto de sistema anárquico e em que cada Estado procurará agir em benefício de si mesmo, a Rússia sentiu-se ameaçada e concluiu que precisaria agir para demonstrar poder e assim garantir o que seria, na visão russa, o melhor para o próprio país. Esse ponto é coerente com a visão neorrealista de que os Estados tendem a entrar em guerra por não saberem as intenções uns dos outros e buscarem sempre maximizar seus benefícios diante dos demais países.

Portanto, tem-se que cada uma das correntes analisadas aqui, a neorrealista e a o neoliberal, pode ajudar a explicar aspectos específicos e diferentes da Guerra da Ucrânia. No mesmo sentido, é possível concluir que nenhuma das teorias pode explicar o contexto completo da Guerra, mas ao mobilizar determinados conceitos de cada uma delas, pode-se obter uma explicação não exaustiva mas bastante completa do que tem ocorrido na Ucrânia.

Referências Bibliográficas

ADLER, Emanuel (1999). O construtivismo no estudo das relações internacionais. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, issue 47. pp: 201-246.

ADLER, Emanuel & BARNET, Michael. 1998. "A framework for the study of security communities". In: Adler, Emanuel & Barnett, Michael (eds.) *Security Communities*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

ALBUQUERQUE, Dominic. Os 30 países da OTAN. *SoCientífica*, 08 de outubro de 2022. Publicado em: <https://socientifica.com.br/paises-da-otan/>

ALBUQUERQUE, F. P. S., Carvalho, C., Cunha, A. C., & Fuccille, A. (2021). A instrumentalização do setor energético sob Putin-Medvedev (2000-2018) e o retorno russo ao tabuleiro geopolítico internacional. *Revista De Relaciones Internacionales, Estrategia y Seguridad*, 16(1), 125-153. <https://doi.org/10.18359/ries.4764>

BRINBERG, David; MCGRATH, Joseph E. *Validity and the research process*. Beverly Hills: Sage, 1985.

BOOTH, Ken & WHEELER, Nicholas . (2008) *The security dilemma: fear, cooperation and trust in world politics*: New York: Palgrave. Introdução e parte I

BUTTERFIELD, Henry. *History and Human Relations*. Collins, London, 1951.

Conheça a Ucrânia, um país que sobrevive sob a sombra da Rússia. *BBC News Brasil*, 25 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60525870> Acesso em: 04 de novembro de 2022.

DEUTCH, Karl. *Backgrounds for Community*. Case Studies in Large-Scale Political Unification. Mimeo, 1963.

Guerra na Ucrânia: quais são as sanções anunciadas até aqui. *G1*, São Paulo, 25 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/02/25/ guerra-na- ucrania-quais-sao-as-sancoes-anunciadas-ate-aqui.html> Acesso em: 7 de maio de 2022.

HERZ, J. H. (1950) "Idealist internationalism and the security dilemma". *World Politics*, 2, p 157-180.

KANT, Immanuel. *A Paz Perpétua*. Editora Vozes: São Paulo, 30 de março de 2020.

KEOHANE, Robert. "International Institutions: Can Interdependence Work?" *Foreign Policy*, 110, pp. 82-96, 1998.

_____. "International Institutions: two approaches". *International Studies Quarterly*, vol. 32, no 4, December, pp. 379-396, 1988.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. São Paulo: Penguin-Companhia, 2010.

MARGAZÃO, Dimas & PEREIRA, Roberta. A criação da Otan e sua permanência do período pós-Guerra Fria. *Fronteira: Revista De iniciação científica Em Relações Internacionais*, 3(5), 83-104. Recuperado de <http://periodicos.pucminas.br/index.php/fronteira/article/view/5068>

MEARSHEIMER, John. *The tragedy of great power politics*. Nova Iorque: Norton & Company, 2001.

Ocidente não vai reconhecer regiões dominadas como parte da Rússia, diz professor. [Entrevista concedida a] Nicole Diniz. CNN, 09 de abril de 2022. <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/ocidente-nao-vai-reconhecer-regioes-dominadas-como-parte-da-russia-diz-professor/> Acesso em: 04 de novembro de 2022.

Rússia exige garantias de que Ucrânia não será aceita na Otan. Revista Exame, 11 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://exame.com/mundo/russia-exige-garantias-de-que-ucrania-nao-sera-aceita-na-otan/> Acesso em: 12 de novembro de 2022.

Rússia invade Ucrânia: fortes explosões atingem capital; invasão deixa ao menos 137 mortos. BBC News Brasil, 24 de fevereiro de 2022. Publicado em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60503097> Acesso em: 04 de novembro de 2022.

SCHMIDT, Brian C. On the history and historiography of international relations. In: CARLSNAES, Walter; RISSE, Thomas; SIMMONS, Beth. *Handbook of International Relations*. Thousand Oaks: Sage, 2002, pp. 3-28.

WALLANDER, Celeste and Keohane, Robert (1999). "Risk, Threat and Institutions", in: Haftendorn, H, Keohane, R. & Wallander, C. (eds.). *Imperfect unions: security institutions over time and space*. Oxford: Oxford University Press.

WALT, Stephen M. "International Relations: One World, Many Theories". *Foreign Policy*, 110, Special Edition: Frontiers of Knowledge. Spring, pp. 29-46, 1998.

WALTZ, Kenneth. *Theory of International Politics*. Illinois: Columbia University, Cap 6, 1979.

WOHLFORTH, William C.. The Stability of a Unipolar World. *International Security*, Vol. 24, (1), 1999.

Como citar

COUTO E SILVA, Flavia. Guerra na Ucrânia: Comparação entre interpretações de correntes neorrealistas e neoliberais das Relações Internacionais. *Primeiros Estudos: Revista de Graduação em Ciências Sociais*, São Paulo, v. 10, n. 02, p. 35-58, 2023. DOI: 10.11606/issn.2237-2423.v10i2pe00102202